

DUTRA FARIA

**Portugal
do
Capricórnio**

AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR

QUANDO A SELVA EMUDECE

Se fosse possível colar umas às outras a ilha da Madeira, a de Porto Santo e as nove do arquipélago dos Açores, obter-se-ia uma extensão equivalente à do parque nacional da Gorongosa: 3200 quilómetros quadrados. E no entanto o único lugar aqui habitado pelo homem, o acampamento fixo do Chitengo, ocupa uma área ainda mais pequena do que a mais pequena ilha portuguesa do Atlântico — o Corvo: dentro de uma cerca de arame farpado, que os elefantes já têm derrubado em madrugadas de mau humor, são meia dúzia de bungalós e rondáveis onde os turistas podem passar uma ou duas noites, os pavilhões do restaurante e do bar, o da recepção, a casa do director da reserva e as instalações do pessoal, tudo isto disposto ao redor de uma vasta praça circular que tem no centro uma piscina.

Numa esplanada, entre o pavilhão do bar e o do restaurante, mesas sob guarda-sóis de cores vivas, por entre as quais circulam criados de uni-

forme branco, podem talvez fazer-nos crer que afinal não nos achamos em plena África primitiva, longe daquilo que temos por civilização, O restaurante, onde o serviço é impecável, *está* agradavelmente decorado com motivos de caça. E se, muito folclòricamente, é um tambor indígena que chama os hóspedes para o almoço e para o jantar, no mobiliário dos rondáveis e bungalós a sobriedade não exclui o conforto.

Quando, porém, a *noite desce* — a húmida e espessa noite africana — no profundo silêncio que *se estabelece antes* que a selva acorde com o seu orfeão de mil rumores as nossas vozes adquirem de súbito uma sonoridade singular — no quarto, e com a porta e a janela fechadas, ouve o jornalista, palavra por palavra, tudo o que se diz nos bungalós vizinhos — e então apodera-se de nós mais intensamente, com uma intensidade quase dolorosa, a sensação estranha de que estamos como que numa ilha deserta, meia dúzia de seres humanos perdidos, como náufragos, no mundo em que os animais são reis.

Para além da cerca de arame farpado, as florestas e savanas que nos rodeiam são hoje porventura tudo o que resta da África antiga, ainda não tocada e maculada pela mão do homem civilizado. Ali tudo é sagrado: não se pode abater uma árvore, não se pode sequer colher uma flor, pois não se trata apenas de uma reserva da fauna africana, mas

também da flora. O que não se pode é impedir que os elefantes devastem, numa só noite, toda uma floresta, porque os elefantes, na Gorongosa, são já mais de três mil. Nem se pode impedir que os leões, que talvez já sejam, na reserva, umas duas centenas, devorem os herbívoros que a natureza pôs ao alcance das suas garras — zebras, bois-cavalos, impalas. Também pastam, na Gorongosa, de sete mil a oito mil búfalos — e não têm conta os abutres, que se alimentam dos restos do que o leão devora, e as hienas, que vivem do que o abutre desdenha nos restos que o leão abandona. Há, ainda, hipopótamos, jacarés, inhacosos, palancas pretas, pelo menos duas variedades de macacos, também duas variedades de javalis, o pequeno e graciosíssimo antílope a que uns chamam ourébia e outros oribi, o cabrito vermelho da floresta, o gato bravo ou chita, algum leopardo e, por último, o mundo sem fim dos voláteis: além das miríades de perdizes, galinhas do mato, rolas, pombos e codornizes — que, numa espantosa familiariedade, pulavam à frente do nosso carro, esta manhã, quando chegámos — os flamingos, os ibis, os pelicanos, os serpentários, os mergulhões e os patos que levantam vôo, em bandos de milhares de asas, mal nos aproximamos de algum dos pântanos e lagos da reserva, as cegonhas, os marabus, as aigretas, que sempre acompanham as manadas de búfalos, os grouns coroados, os abelharucos de plumagem vis-

tosa e outras aves ainda, centenas de outras, que o guia designa pelo nome indígena e o director do parque pelo nome científico.

Pois, como todo este imenso mundo emudece nas horas que se seguem ao anoitecer, só despertando, com a noite já adiantada, para o mais espantoso concerto de rugidos, uivos, silvos e guinchos que jamais ouvimos, é precisamente nesses momentos em que por toda a natureza tudo se cala que mais pungente se torna para nós, seres humanos, a sensação de isolamento num universo em que não temos o direito de participar.

Então, como que instintivamente, começamos, todos os que hoje aqui se encontram como hóspedes, a convergir para o bar, a pretexto do «whisky and soda», mas, na realidade, a fim de iludirmos esta sufocante, obsessiva sensação de isolamento. A fim de nos esquecermos de que, afinal, estamos aqui como intrusos no reino dos animais da selva, onde as leis em vigor são outras, que não as nossas de homens.

Até há minutos éramos absolutamente desconhecidos uns para os outros. Agora, porém, ligados de súbito uma espécie de insólito sentimento de solidariedade — e, sem que se saiba como, damos por nós a falarmos todos ao mesmo tempo, a interrogarmo-nos com vivacidade uns aos outros, a contarmos o que somos, de onde viemos, o que vimos hoje, de manhã e de tarde,

nas planícies que se alagam na época das chuvas e a que os guias dão o nome de «tandos». O jornalista averigua assim que é sul-africano o casal com que se encontrou esta tarde junto do Lago do Paraíso — chegam de Paris e ela fala um francês perfeito. Que é inglês e antigo oficial do Exército britânico das índias, agora «gentleman-farmer» algures na Rodésia, o velhote rubicundo e de «shorts» que está a beber um «gin» com água tônica antes de se ir vestir correctamente de escuro para o jantar. E que é paquistaniano de nação e muçulmano o jovem agente de viagens (chama-se Hassan) que, num português incrível, nos disse, esta manhã, onde podíamos ver crocodilos: — «*Maningue* crocodilos, alguns deles mesmo dos mais *big*s que tenho visto na minha vida». Mas, repentinamente, do muro negro em que a selva se transformou com a noite, e que nos cerca de todos os lados, e nos encarcera como que no interior de um anel de trevas, ergue-se um uivo — talvez um estertor, talvez um apelo de amor. Logo todos, no bar, nos calamos. Agora, daqui por diante, até ao amanhecer, é a selva, com o seu coro de mil vozes, quem vai ter a palavra.

ELEFANTES E LEÕES

Um livro interessantíssimo sobre os clássicos animais da fábula — o leão e o cordeiro — poderia o dr. Silva e Costa escrever, se quisesse: conhecemo-lo subdirector do posto experimental de criação do carneiro caracul, em Angola, entre Moçâmedes e os contrafortes da Cheia; pois viemo-lo encontrar agora director do parque nacional da Gorongosa — e a falar dos leões com o mesmo profundo conhecimento de causa, a mesma familiaridade e o mesmo entusiasmo com que falava de ovelhas e carneiros:

— Começamos a ter leões a mais. Não é que a natureza não seja muito capaz de restabelecer, por si só, o equilíbrio entre os animais que caçam e os que são as vítimas predilectas dos carnívoros. Mas, em todo o caso, ando a pensar em trocar um casal ou dois de leões por um casal de rinocerontes brancos...

Malogrou-se, entretanto, a tentativa de introduzir na reserva girafas — muito raras em Moçam-

bique — e avestruzes: os leões comeram as girafas e as avestruzes morreram de morte natural — de nostalgia talvez, saudosas dos plainos do Sul onde é possível hoje ainda avistá-las em número apreciável. Quanto ao rinoceronte negro, cada vez se vê com menos frequência na reserva: desapareceu por completo dos «tandos» e só na parte montanhosa do parque, até onde o turista ainda não pode ir por falta de caminhos abertos, têm sido, nos últimos tempos, avistados alguns.

— Mas lá quanto aos outros bichos — assegura-nos o dr. Silva e Costa — vão vê-los e em abundância, não tenham dúvidas a esse respeito. Basta que lhes diga isto: levam como guia o Figueira. O que têm é de sair muito cedo.

Antigo cozinheiro da marinha mercante, o cabo Figueira, chefe dos guardas do parque, é, na realidade, o melhor, o mais competente, o mais sabedor dos guias.

Sena de raça pelo pai, gorongosa pela mãe, trocou de bom grado, vai para dezoito anos, o mar pela selva — e já poucas lembranças lhe restam das suas viagens pelo mundo a bordo do *Niassa*. Em compensação, dir-se-ia que ele sabe de antemão onde descobrir cada animal da reserva...

—«Quer ver leão ou elefante?»—pergunta-nos com a mesma naturalidade com que, no restaurante, o criado inquire se queremos o peixe grelhado ou frito.

— Gostávamos de principiar por ver os leões...

— «Então vai ver agora leoa com dois pequeninos.»

Efectivamente, depois de, na luz ainda incerta da antemanhã, termos percorrido com o «jeep» uns bons vinte quilómetros, encontrámos uma leoa com dois leõezinhos ainda trôpegos e pouco maiores do que vulgares cachorros.

—«Agora vai ver leão a comer mata-bicho» — anunciou seguidamente, com alguma solenidade, o Figueira. E, de facto, não tardou que deparássemos com dois enormes leões a devorar um boi-- cavalo, enquanto outros dois, mais pequenos, aguardavam, a curta distância, o momento de participar no festim, também presenciado, mas de mais longe, por centenas de horrendos abutres pousados nas árvores e, ainda de mais longe, por um imóvel casal de hienas.

— «Só vai ficar caveira» — explica o nosso guia. — «O que leão não come, come abutre. O que abutre não come, come hiena. O que hiena não come, come formiga...»

Satisfeito, repleto, um dos leões — sem se dignar olhar sequer para o nosso «jeep» — levanta-se e lentamente afasta-se.

— <<*Vai agora ver leão que anda na caça.*>>

E lá andavam, com efeito, na caça, caminhando muito devagar por entre o arvoredado e o capim, quatro leoas e um leão.

— «Ali mais para a frente há agora leão amoroso. Quer ver?»

Mais uns dez quilómetros com o «jeep» a correr fora de todo o trilho e também lá estava — pontual ao «rendez-vous» que sem dúvida marcara com o espantoso Figueira — o leão amoroso a ronronar, como um gato, ao redor de uma jovem e bonita fêmea.

— Figueira, você não é um guia, você é o diabo em pessoa...

— «Sim, senhor, eu ser mesmo um diabo preto...»—
E ri-se de vontade.

Mostrou-nos depois, sucessivamente, uma hiena com dois filhos, alguns búfalos (mas o que não deixou foi que o «jeep» se aproximasse muito) e até um hipopótamo solitário e obviamente neurasténico, que bocejava com desespero numa lagoa de águas esverdeadas, pouco maior do que ele.

Apenas o leopardo é que faltou lastimavelmente ao encontro. Bem andámos, com olhos perscrutadores, à volta da árvore isolada onde àquela hora ele havia aparecido nos dias anteriores... Perfeitamente em vão. Só macacos ali se viam, a saltarem de ramo para ramo — e com uns esgares, uns trejeitos, umas momices (é caso para dizê-lo) que parecia mesmo estarem a troçar de nós.

Mais adiante, um enorme javali, deitado, confundia-se com a terra: não o vimos enquanto não fugiu, a menos de cinco metros das rodas do «jeep».

Entretanto, corriam à desfilada, por toda a planície agora já inundada de sol, rebanhos de impalas, recuas de zebras, manadas de bois-cavalos...

— «Tem que ir ver elefantes. Se calor aperta, elefante vai dormir...»

Foi, por sinal, o momento mais emocionante de toda a manhã. O elefante estava sozinho e a uns trinta metros da picada. Ao avistar o «jeep», desdobrou, irritado, as enormes orelhas. Depois, bramindo e com a tromba ao alto, avançou. Mas a menos de uns dez metros estacou de súbito, enquanto o nosso motorista carregava, evidentemente, no acelerador. Então, ao ver que nos afastávamos, o elefante, tranquilizado, foi-se embora, sumindo-se depressa, por entre o arvoredado, o seu antediluviano corpanzil cor de lama.

— O elefante — explicar-nos-ia, mais tarde, o dr. Silva e Costa — não é verdadeiramente um animal feroz, mas, em compensação, é caprichoso, desconfiado, irritável e extremamente susceptível.

Como quer que seja, nunca até hoje, na Goron-gosa, um elefante atacou um carro. Investem, carregam, mas acabam sempre por se deter a poucos passos dos estarecidos turistas. Como se o fizessem de propósito. Só para assustar.

— Figueira, o elefante estava, ao que parecia, com más intenções...

— «Não, senhor, aquilo era só para fazer ver.»

UM SERTANEJO, GRANDE SENHOR

A velha ponte de madeira desfizera-se, de podre. Ainda assente nas duas margens, uma única trave permitia a passagem de uma pessoa de cada vez, mas só no caso de não sofrer de vertigens. Uns pretos que por ali andavam asseguraram-nos, porém, que podíamos no carro atravessar o rio a vau, sem perigo, um pouco ao norte do sítio onde a ponte deixara de existir. Fizemo-lo, mas sob as rodas do automóvel as pedras escorregadias que constituíam o leito do rio rolavam umas por sobre as outras de maneira aterradora e também não foi nada fácil trepar para a outra margem por um atalho aberto quase a pique no barranco. O que vale é que na África os automóveis habituam-se a tudo...

Foi assim que penetrámos, já com a noite quase cerrada, nos domínios de Alberto Araújo — a coutada N.º 1 — depois de mais de cem quilómetros, desde o acampamento do Chitengo, na Gorongosa, por algo que talvez há muitos anos tenha mere-

cido, com alguma justiça, o nome de estrada. Não tardámos, todavia, a ter a explicação do que nos acontecera: para Kanga NThole — o principal acampamento de caça da coutada de Alberto Araújo — não se viaja já hoje de automóvel, viaja-se de avião, desde a Beira.

Noite fechada e bem fechada, chegámos, finalmente, a Kanga N'Thole, onde, com uma temperatura de poucos graus acima de zero, nos esperava no terreiro, para um rijo abraço, o Alberto Araújo, grande amigo, grande caçador e grande fidalgo — talvez o último grande senhor da selva.

Em Lourenço Marques, haviam perguntado a *este* jornalista e aos seus companheiros de viagem se tínhamos qualquer preferência por alguma das dezasseis coutadas que existem, uma vez que uma caçada figurava no programa da visita que íamos efectuar a toda a província. Por intermédio de um amigo comum — o Fernandes David, da Beira — já recebêramos um convite do concessionário da coutada N.º 12, sr. Virgílio Garcia. Mas há cerca de dez anos estivéramos em Kanga N'Thole e Alberto Araújo insistira então para que voltássemos, logo que uma oportunidade se nos deparasse. Optámos, portanto, pela coutada N.º 1 — com treze anos de existência, a mais antiga — e do Centro de Informação e Turismo de Moçambique telegrafaram a Alberto Araújo (Kanga NThole, pelo correio de Inhaminga, em terras de Manica e So-

fala) a pedir-lhe as condições em que estaria disposto a receber, como convidados do governo da província, por duas noites e um dia, e a levar a uma caçada, para efeitos de filmagem, este jornalista e mais um jornalista e um operador cinematográfico estrangeiro, com que viera de Lisboa. Imediatamente ele respondeu que o seu amigo Dutra Faria e os amigos desse seu amigo seriam acolhidos sempre de braços abertos, mas não como convidados do governo — como seus convidados pessoais. É assim o Alberto Araújo.

Hoje tem 65 anos este homem a que *os ingleses da Rodésia* puseram a alcunha de «One Shot» — pois nunca falha um tiro — e para quem, sempre que ele atravessa a fronteira, se abrem de par em par as portas de todos os clubes privados de Umtali e de Salisbúria. O seu quadro de caça inclui até agora, além de centenas de outros animais da selva, 103 elefantes, 141 leopardos e 99 leões, dos quais sete de enfiada, numa só noite. Mas como pescador — todos os anos Araújo sai da sua coutada para uma temporada de pesca no Bazaruto — não é menos notável: só de tubarão para cima começam os peixes a contar para ele. Fotografias suas de pescador e de caçador forram, por sinal, as paredes da sua sala de jantar em Kanga NThole, documentando, através dos anos, *as suas muitas proezas de consumado «sportman»*. E perdoe-se-nos que empreguemos aqui a palavra

inglesa. Ê que nos pareceu esta muito mais aplicável a Alberto Araújo do que a portuguesa “desportista”, que cheira excessivamente a futebol...

Nota curiosa: entre todas essas fotografias (e são muitas dezenas) apenas há duas em que ele não figura. Uma é, em lugar de honra, a do Rei D. Carlos, com quem Alberto Araújo, até entrar na casa dos cinquenta, se assemelhava fisicamente como se assemelham entre si duas gotas de água. A outra, defronte do retrato do rei, é a de Salazar.

Ali, sob os olhares cruzados dos dois homens, o soberano e o estadista, comem todos os hóspedes da coutada N.º 1 — todos, os que pagam (milionários norte-americanos, grandes industriais europeus) e os que Alberto Araújo recebe, como nos recebeu a nós, como amigos. A estes últimos acolhe com a bizarria de quem abre sem reservas o seu solar e os seus domínios àqueles que gozam da sua confiança e da sua amizade. Mas de todos exige a mesma correcção e a mesma disciplina. Eis uma das suas *máximas*: *onde* não há disciplina, não há «safari» possível.

Um dia repreendeu vivamente um aristocrata espanhol seu hóspede (dos que pagam) por estar a alvejar perdizes e galinhas do mato, espantando assim a caça grossa.

Ferido no seu amor-próprio de filho-família

animado e bajulado, replicou o outro, com castelhaníssima soberba:

— Sempre fiz na vida o que me apeteceu e não é agora que vou mudar de rumo...

Sem se encolerizar, sem mesmo deixar sequer de sorrir, observou-lhe, então, o Alberto Araújo:

— Pois aqui, meu caro senhor, só quem manda sou eu e, se não está resolvido a obedecer-me, não tem senão um caminho a seguir: ir-se embora e já, antes que eu perca a paciência.

De outra vez, um milionário ianque (também dos que pagam — e em dólares) estava, depois das fadigas da caçada, a beber o seu «whisky», com os pés em cima de uma das mesas do bar. Entrou uma senhora portuguesa e o norte-americano dei-xou-se ficar refastelado como estava. Ferveu por dentro o Alberto Araújo, que não se teve que não lhe dissesse, pondo na voz toda a suavidade que as circunstâncias ainda permitiam:

— Nós cá, portugueses, achamos que é feio pôr os pés em cima das mesas. Sobretudo é incorrecto fazê-lo na presença de uma senhora.

— Quer, portanto, dar-me a mim uma lição de boa educação?—reagiu o milionário, com uma insolência que tresandava a poços de petróleo no Texas.

— As lições de boa educação só aos malcriados é que se podem dar — tal foi, porém, a serena e cândida resposta que o insolente ouviu.

Claro que Alberto Araújo ganhou, naquela tarde, um inimigo poderoso — e a sua coutada perdeu, ao mesmo tempo, um cliente.. Mas é assim o Alberto Araújo — e é bom que hoje ainda haja no mundo pessoas como ele, com todas essas virtudes e — vamos lá — também defeitos que se herdam no sangue e de nós, portugueses, fizeram, afinal, tudo aquilo que temos sido na história: sempre capazes de grandes coisas — e sempre incapazes de não deixar de dar um correctivo a quem o mereça, mesmo que isso nos traga inimizades e até prejuízos materiais.

«SAFARI»

Com o nevoeiro a esgarçar-se à altura do arvoredos na outra margem do Inhadué, partimos para a caçada, ainda o sol vem longe. Duas camionetas abertas constituem o nosso «safari». Na que parte primeiro seguem dois caçadores apenas e os pretos que levam as caixas e os cestos com o almoço da nossa pequena expedição. Depois, com Alberto Araújo, tomam lugar na outra um dos seus melhores pisteiros indígenas, os outros caçadores e três serviçais nativos. Saímos com um quarto de hora de diferença, mas por outros caminhos. Temos de nos baixar rapidamente, de espaço a espaço, para que os ramos mais baixos das árvores não nos vergastem a cara. Vamos depressa, pois, se com o dia fora o calor aperta, não tardará que a caça se abrigue na floresta cerrada, aonde não se pode ir senão a pé.

Logo em seguida ao cancelo de Kanga N'Thole avistamos algumas gondongas. Mais adiante, deparamos-nos rebanhos de zebras e de bois-cava-

los, que correm a refugiar-se onde o arvoredo é mais fechado ou o capim mais alto. Saltam oribis, como que empurrados por uma mola, do meio do mato. Entremostra-se-nos, por segundos, um formoso exemplar de inhala. Inhacosos, a menos de vinte metros, miram-nos sem temor, apenas com alguma curiosidade. Aparecem mais gondongas. Os indígenas chamam-nos a atenção para outros rebanhos de zebras, na distância. Junto de um lago — onde os patos bravos são às centenas — deixasse fotografar um soberbo casal de palapalas. Macacos-cães pulam de árvore para árvore, na sua matutina exibição de acrobacia. E não têm conta os javalis que fogem de todos os lados e por todos os lados se somem. Dir-se-ia mesmo que não nos encontramos numa *coutada*, mas numa *reserva*, tal a abundância de caça.

Isto, porém, esta abundância, não é obra do acaso, nem milagre da natureza. Há uns dez anos, quando por aqui andámos, em todo um dia não se avistaram mais do que umas quantas gondongas e uma palapala, esta, por sinal, abatida com um tiro de mestre, a cerca de cem metros e de frente, pelo extraordinário caçador que foi o dr. Abel Pratas. Mas Alberto Araújo obriga os seus hóspedes a obedecerem rigorosamente ao que os regulamentos de caça determinam (na *coutada* n.º 1 não se mata apenas pelo prazer de sentir o cheiro da pólvora) e, por outro lado, move guerra sem

quartel aos caçadores furtivos: desde Janeiro o fiscal que traz ao seu serviço apreendeu já para cima de uma centena de canhangulos. Só assim se consegue esta abundância de caça.

Coutadas abertas há muito menos tempo do que a de Alberto Araújo, e de início ainda mais ricas de caça, já se acham, entretanto, praticamente despovoadas — dizem-nos. Porque os concessionários não tiveram a firmeza necessária para se imporem aos seus hóspedes e impedirem a chacina indiscriminada e brutal dos animais da selva. Proceder com tamanha leviandade é, porém, o mesmo que matar a galinha dos ovos de ouro — e que serão tanto maiores e de tanto melhor ouro quanto mais a instabilidade política em países como o Quênia e o Tanganica atrair para Moçambique os amadores (americanos e europeus, mas sobretudo americanos) de «safaris».

Esta coutada em que estamos é, por sinal, com 1648 quilómetros quadrados de extensão, das mais pequenas. Pois, além de toda a caça que já vimos esta manhã, tem ainda elefantes, leões, leopardos, búfalos e cerca de uns trinta rinocerontes,

O filme «Mogambo» esteve para ser rodado aqui. Decidira-o o produtor depois de uma permanência de algumas semanas em Kanga N'Thole— e convidara mesmo Alberto Araújo para desempenhar no filme um papel. Mas, quando o barco, especialmente fretado para trazer até à África os acto-

res, a aparelhagem e todos os acessórios indispensáveis para uma película de tal categoria, entrou no porto de Lourenço Marques, tais foram as dificuldades burocráticas postas pelas autoridades, tais as objecções de toda a ordem apresentadas pelos serviços oficiais que o barco acabou por levantar ferro, rumo a Dar-es-Salam — e o filme acabou por ser rodado no Tanganica. Hollywood perdeu talvez com isso um novo actor para os seus elencos de filmes de atmosfera africana. Alberto Araújo perdeu sem dúvida uma oportunidade excepcional para tornai conhecidas em todo o mundo a sua coutada e a excelência da sua hospitalidade. Mas Moçambique perdeu também, com toda a certeza, e por culpa de meia dúzia de burocratas porventura até bem intencionados, o ensejo de arrecadar, sem esforço, uns bons milhares de dólares.

—De toda a maneira — diz-nos Alberto Araújo — ainda não perdi a esperança de ver a minha coutada num filme de grande metragem.

Chegou, porém, o momento de se dar início à caçada. Um pequeno rebanho de gondongas apresentase-nos em posição favorável. Apeamo-nos. Curvados, procurando que os animais não nos vejam, caminhamos por entre as ervas altas até uma distância talvez de trinta metros, contra o vento. A um gesto de Alberto Araújo, estacamos de súbito. Depois, outro gesto de Alberto Araújo — e o caçador que ele acaba de escolher para disparar

o primeiro tiro aponta, cuidadosamente. Dispara, enfim, já quando as gondongas, inquietas, começam a afastar-se, em fila. Outro tiro. As gondongas fogem, tomadas de pânico, descrevendo, em relação ao nosso grupo, um largo semi-círculo, detêm-se por segundos ao depararem com a camioneta, mas logo retomam a fuga desabalada, agora já noutra direcção. Uma, todavia, um macho de bom tamanho, atrasa-se na corrida, deixa-se a pouco e pouco distanciar do resto do rebanho, acaba por procurar esconder-se no capim. Está ferido. Mas outro tiro levanta-o como se fosse uma chicotada e de novo o põe em fuga. É o momento cruel da caçada. A gondonga ferida corre como que ao retardador, cada vez mais devagar. Outro tiro ainda e cai para sempre. Tem quatro balas no corpo, das quais duas perto do coração. Mas a agonia prolonga-se e o animal mira-nos com olhos de espanto. Como se quisesse perguntar para que foi que lhe fizemos aquilo...

O próprio Alberto Araújo se comove.

— Vamos — ordena. — Depressa. O tiro de misericórdia.

Depois, no acampamento de Inhazucugué, foi o almoço, organizado, com requintes de gentil anfitrião, pelo próprio Araújo: caviar cor-de-rosa, «foie--gras» de Estrasburgo, frangos assados no espeto com piri-piri, um vinho branco verde, um vinho tinto maduro, uma excelente aguardente velha. Ao

contrário, porém, do que sucede com o acampamento central de Kanga NThole, constituído por uma grande casa de madeira e alguns rondáveis, no acampamento de Inhazucugué não há senão palhotas. Palhotas a que nada falta, nem sequer o chuveiro na casa de banho, mas palhotas autênticas. Aqui estão instalados, no entanto, e muito felizes, os dois hóspedes pagos que Alberto Araújo tem de momento: um dos directores do Museu de Ciências Naturais de Chicago, que só se interessa por aves, e um caprichoso e muito jovem milionário também de Chicago, mr. Mellon, cujo único objectivo é abater uma inhala que tenha os chifres duas polegadas mais altos do que os da inhala abatida o ano passado, não sabemos onde, por um seu amigo — também milionário, também jovem e também caprichoso,

QUANDO O TEMPO SE DETÉM

Terminado o almoço em Inhazucugué, subimos, de novo, para as camionetas. Um pisteiro que acaba de chegar trouxe a informação de que está a pastar relativamente perto do acampamento uma das três ou quatro manadas de búfalos que existem na coutada. Ora, depois da caça ao elefante, a caça ao búfalo é de todas a mais emocionante. E é por acréscimo, quando não temos connosco espingardas infalíveis, igualmente a mais perigosa. (Mas haverá espingardas infalíveis?)

Mr. Mellon, o jovem milionário de Chicago, vai sair também, numa outra camioneta, à procura da sua inhala. Impaciente, parece que nem sequer almoçou, limitando-se a mastigar uma sanduíche. Os pretos que o acompanham é que protestam — não lhes deu tempo para cozinharem o pirão de mandioca, quanto mais para o comerem. Mancorreia, o velho pisteiro sena que há mais de quinze anos Alberto Araújo tem consigo e a quem trata como a um amigo, acode, porém, a deitar água na fervura:

— «Façam a vontade ao rapaz. Não dêem desgostos ao patrão.» E logo os pretos, só para não desgostarem o patrão, se resignam, com o estômago vazio, a acompanhar uma vez mais o despótico mr. Mellon. Admirável gente, na verdade.

Quanto a nós, depressa avistamos, com o binóculo, a «nossa» manada de búfalos. São umas cento e cinquenta a duzentas cabeças e estão a mais de um quilómetro de distância. Imediatamente as camionetas se detêm. É a pé, e caminhando contra o vento, que temos de nos aproximar da manada. Vamos cinco: duas espingardas, duas máquinas de filmar e uma máquina fotográfica — a do jornalista. Ao caminho temos de o abrir por entre espinheiros, que nos arranham as pernas e as mãos. Mas há que caminhar o mais depressa possível, porque os búfalos começam já a mostrar-se inquietos e a voltar-se todos de frente para nós, como se acaso se preparassem para carregar. Parece, todavia, que não há memória de uma carga maciça de búfalos...

Agora estamos talvez a duzentos metros da manada e com todos os animais, de cabeça levantada, voltados para nós, os toiros na vanguarda — bem destacados do conjunto — e as fêmeas, mais atrás, protegendo com o corpo as crias. É um espectáculo de empolgante beleza e um desses momentos que contam na vida de um homem.

Depois, um búfalo macho isola-se mais da manada, avança devagar na direcção de onde vimos. Como que para ver mais de perto a ameaça que se avizinha. É um animal soberbo, um autêntico bronze vivo. O nosso grupo não o assusta. Mira--nos tranquilamente, seguro da sua força, do seu poder.

— Agora — ordena o caçador profissional, Luís Santos. E o outro caçador dispara. Uma vez, duas. A manada, mal ouve os tiros, debanda, foge, a galope. Mas há o perigo de, na fuga, descrever um semi-círculo e aparecer-nos, de surpresa, pela rectaguarda. O grande macho, entretanto, foge também, mas na direcção exactamente oposta à que a manada seguiu, como se quisesse atrair sobre *si* toda a sanha dos caçadores. Vai, possivelmente, ferido.

Do alto de um morro de muchem, os dois caçadores alvejam-no de novo, enquanto a manada se some na distância, só assinalada agora por um torvelinho de poeira. Ao búfalo isolado perdemo-lo, porém, de vista. Esconde-se entre os espinheiros. Já não se duvida de que esteja ferido. Mas esconde-se para quê? Para nos atacar de golpe ou para morrer?

Do cimo do morro de muchem, Luís Santos, com uma pena de galo a esvoaçar no seu feltro de abas largas, perscruta, atento, com o binóculo, o terreno à nossa volta, moita por moita. Em silêncio.

O inimigo pode surgir, repentinamente, de qualquer lado. É agora, só agora que a caçada principia verdadeiramente a ser perigosa. As camionetas, entretanto, aproximam-se, aos solavancos, fora de todo o trilho, a corta-mato, mas ainda vêm longe.

— Lá está — murmura, por fim, o caçador. E larga o binóculo, pega, de novo, na espingarda.

É só uma mancha cor de lama o que se avista, na mata de espinheiros, talvez a uns trinta metros. Mancha que se movimenta, que se desloca, que se aproxima. Nem depressa, nem devagar. Ou talvez depressa. Ou talvez devagar. Não sabemos, porque o tempo, para nós, deixou subitamente de contar. Imóvel, com a espingarda apontada, o caçador profissional espera. Nem um músculo se lhe contrai no rosto ainda jovem, mas já endurecido. É uma máscara. Uma máscara de pedra.

Finalmente, o búfalo descobre-se por completo. Chegou a altura ou nunca de o prostrar com uma bala definitiva. Luís Santos dispara. O búfalo tomba. E, no céu, ao abutre que pairava já por sobre o nosso grupo havia alguns momentos outros num ápice se lhe juntam agora. Não tarda que sejam mais de cem. Mas atraídos por quê? Pelo som dos tiros, que o eco terá prolongado sabe Deus até onde? Ou pelo cheiro do sangue? É um mistério que só poderá desvendar-se, quando os animais voltarem a falar — ou nós a entendê-los.

Os pretos, de qualquer modo, antecipam-se às aves de rapina. Saltam prestos das camionetas, acorrem, em alvoroço, numa algazarra jubilosa, com as beiçorras rasgadas por largos sorrisos de gula. «Carne, carne...» Interpelam-se uns aos outros. Trocam gracejos. E sem demora começam a esfolar o animal abatido, enquanto os abutres, desenhando no espaço sucessivos círculos, voam cada vez mais baixo, sem temor às catanas que brilham nas mãos dos indígenas, baixando-se e levantando-se no rápido trabalho de cortar, do búfalo, o que vale a pena levar: a cabeça, como trofeu, a língua, o fígado, da carne os melhores bocados... Porque o resto será abandonado aos abutres.

Quando, enfim, as camionetas largam dali, logo fulminantemente desce do céu, sobre o que resta do búfalo abatido, o feio turbilhão das aves de rapina.

É o momento atroz de toda a caçada em terras de África. Passou aquela euforia que vem da sensação de perigo iminente. Passou aquela exaltação que nos toma quando o próprio tempo deixa de contar. Fica-nos apenas, já com o seu travo de amargura, a lembrança do bruto soberbo que era um autêntico bronze vivo e palpitante, verdadeira obra-prima da natureza em beleza e em força, agora um ensanguentado despojo que os abutres, horrendos bichos, disputam entre si, à bicada, ferozmente.